MEMÓRIA, TRABALHO E CULTURA NO QUILOMBO PAU FERRO DO JUAZEIRO (CAETITÉ-BA)

Bruna da Cruz Santos
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0005-4939-0649
Endereço eletrônico: brunadacruzsantoss@gmail.com

Ana Elizabeth Santos Alves
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-0603-2113
Endereço eletrônico: anaelizabeth.anamestrado@gmail.com

Palavras-chave: quilombo; memória; migrações; cultura; trabalho-educação.

INTRODUÇÃO

> São muitos os assuntos proibidos e muitos os heróis sagrados das classes dominantes. Difícil é resgatar as raízes dos verdadeiros construtores do País (Moura, 2020. p.5).

O processo de colonização (1500-1822) imposto ao continente americano pelas nações europeias autodenominadas "potências econômicas" submeteu o território hoje conhecido como Brasil a uma lógica de exploração e enriquecimento baseada na extração de recursos, na ocupação do espaço territorial e na consolidação de estruturas econômicas voltadas ao mercado da metrópole colonizadora, Portugal.

Nesse movimento de dominação instituiu-se o trabalho escravo de povos considerados inferiores como um dos principais mecanismos de sustentação do projeto colonial. Para além da imposição do escravismo, aos nativos indígenas que aqui já habitavam e aos cativos africanos, por exemplo, foi delegada a função diaspórica de contribuir para o aperfeiçoamento e o enriquecimento de outro Estado-nação. Em contradição a um compilado de discursos ainda existentes de submissão e inferioridade, é constatável que foi em terras brasileiras, em meio a exploração do trabalho forçado que às diversas formas de resistência sociais foram efetivadas por estes mesmos coletivos que desafiaram o sistema capitalista escravocrata, que

por séculos, naturalizou e perpetuou a escravidão enquanto uma "instituição" de trabalho.

O campo empírico da pesquisa é a Comunidade Quilombola "Pau Ferro do Juazeiro. Ela é uma dentre as várias comunidades tradicionais rurais que fazem parte do municipio de Caetité, na Bahia, oficializada pela *Fundação Cultural Palmares,* com o título de Comunidade Quilombola do Estado da Bahia, em 06 de julho de 2010.

Atualmente, há uma infinidade de escritos e pesquisas acerca das particularidades que envolvem comunidades tradicionais e quilombolas no Brasil, no entanto, em um contexto local, como o de Caetité-Bahia, ainda há algumas lacunas de estudos acerca das particularidades do Quilombo Pau Ferro do Juazeiro. Para tanto, esta escrita se mostra de grande relevância acadêmica e social, pois contribui para a valorização da Memória, da história e da cultura de um território quilombola do Alto Sertão da Bahia.

Nesse sentido, a Memória[1], tal como pontuou Maurice Halbwachs (2023), emerge como o elemento importante. A Memória, neste projeto, se torna um dos pontos de partida para compreender e articular as condições de cultura e trabalho no Quilombo Pau Ferro do Juazeiro. Como resultado preliminar, observa-se que a necessidade de inserção dos trabalhadores quilombolas em mercados de trabalho externos ao território tem impulsionado processos migratórios que impactam diretamente a dinâmica comunitária. Parte-se do pressuposto de que essa mobilidade laboral interfere na vitalidade das práticas culturais locais, afetando a transmissão de saberes, tradições e formas de organização social entre as gerações. Nesse sentido, a pesquisa investiga como a migração dos trabalhadores quilombolas repercute na manutenção e reprodução da cultura quilombola nessa territorialidade específica.

METODOLOGIA

Para melhor alcançar os objetivos delineados para esta escrita, faz-se necessário salientar que este esboço é resultado de um problema de pesquisa de mestrado, que está sendo desenvolvida numa Comunidade Quilombola rural do município de Caetité-BA, com a adoção de uma abordagem qualitativa. – Segundo Minayo (2003), uma pesquisa qualitativa trata-se especificadamente de um estudo que não pode ser meramente quantificado, numerado. – Pelo contrário, é uma pesquisa que chega ao "universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes" (2003, p.21), portanto, buscar-se compreender por meio dessa abordagem as experiências, as percepções e as

[1] A Memória Coletiva.

memórias dos trabalhadores quilombolas de Pau Ferro.

Tendo o Materialismo Histórico-dialético como método de análise, a então pesquisa utilizará das categorias de totalidade, contradição e mediação como pilares metodológicos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A escrita em questão, enquanto dissertação de mestrado em andamento, salienta-se na necessidade de melhor compreender a relação entre trabalho e migração em comunidades quilombolas, reconhecendo que a ausência de alternativas locais força muitos de seus membros a migrarem em busca de trabalho. Nesse sentido, Souza (2018, p. 61) define migração como "um processo social que deriva das mudanças impostas aos trabalhadores pela dinâmica do capital na sua busca constante pela autovalorização", ou seja, o processo migratório não é dado como uma dinâmica natural, muito pelo contrário, ela é uma consequência do modo de produção capitalista que força estes homens e mulheres trabalhadores, quilombolas ou não, a deixarem de serem agricultores, para se tornarem trabalhadores assalariados que se submetem a mercadorização do trabalho.

> É evidente que as relações produzidas neste contexto social não podem ser consideradas meramente como complementares, ou como estratégias de sobrevivência. Torna-se necessário compreender tais relações como contraditórias [...]. Ao invés dos modelos de deslocamentos de população, sugerimos a análise da migração, enquanto um acontecimento histórico que atinge os (as) que partem e os (as) que ficam constituído por elementos objetivos, estruturais, ideológicos, culturais e subjetivos, visto sob a ótica das organizações sociais de classe, gênero e raça/etnia (Melo; Silva, 2009. p.41).

Desta sorte, para Melo e Silva (2009), a migração transcende a um mero evento isolado ou a uma estratégia de sobrevivência individual. Ela se configura, de fato, como um processo social imposto pelas necessidades estruturais da acumulação de capital. Deriva-se das mudanças estruturais que a dinâmica do modo de produção capitalista exige sobre os trabalhadores. Dessa forma, *partir* e *ficar*, como define as autoras, são faces indissociáveis de uma mesma realidade social, que por infinitas vezes envolve perdas, conflitos, separações e, ao mesmo tempo ressignificações culturais.

Eduard Thompson (1998), pauta a ideia de *cultura* ligada a essas contradições impostas pelo capitalismo. Definindo que:

> Uma cultura é também um conjunto de diferentes recursos, em que há sempre uma troca entre o escrito e oral, o dominante e o subordinado, a aldeia e a metrópole; é uma arena de elementos conflitivos. Que somente sob uma pressão imperiosa — por exemplo, o nacionalismo. a consciência de classe ou a ortodoxia religiosa predominante — assume a forma de um "sistema". E na verdade o próprio termo "cultura", com sua invocação confortável de um consenso, pode distrair nossa atenção das contradições sociais e culturais, das fraturas e oposições existentes dentro do conjunto (Thompson, 1998. p.16-17).

Em Thompson (1998), compreende-se que cultura não é meramente os modos de vida de determinados grupos, e por não ser, ela vive e sobrevive em um espaço de disputa.

Para tanto, este escopo se organiza em explanar os objetivos primordiais da dissertação, que são: analisar as condições de trabalho dos trabalhadores quilombolas, considerando os impactos históricos e estruturais do racismo e da exploração capitalista; identificar a dinâmica de migração dos trabalhadores do quilombo, avaliando como as práticas de trabalho, de educação escolar e não escolar moldam as decisões de permanecer ou não no quilombo e o quanto essas ações podem impactar a preservação da cultura local.

CONCLUSÕES

Diante da dissertação de mestrado exposto e sua devida contextualização, é possível compreender que a formação histórica do Brasil se estrutura sobre relações de exploração e violência. Até dado momento, reconhece-se que os quilombos e os trabalhadores quilombolas se configuram como indivíduos que resistem e consolidam-se em um espaço de preservação cultural, construção identitária e em contradição e completude, em um espaço onde a luta de classes persiste.

Nesse contexto, evidencia-se que a Comunidade Quilombola Pau Ferro do Juazeiro mantém viva sua memória coletiva. Por meio dela, a pesquisa buscará compreender como o agrupamento enfrenta as contradições impostas pelo modo de produção capitalista, especialmente quanto à migração e às transformações nas relações de trabalho, bem como explicitar outras particularidades presentes na comunidade.

Observa-se ainda que o trabalho, enquanto dimensão ontológica da existência humana, se relaciona diretamente com os processos de resistência, adaptação e (re)significação cultural. Por fim, faz-se de grande relevância reafirmar a importância de investigar tais

relações, na medida em que elas contribuem para a valorização das comunidades quilombolas e para o aprofundamento do entendimento acerca das desigualdades históricas e estruturais que ainda persistem no todo social.

REFERÊNCIAS

MARX, Karl. **O Capital.** São Paulo: Nova Cultural Ltda. Vol. II, 1985.

MELO, Beatriz Medeiro; SILVA, Maria Aparecida de Moraes. **Desenhos e mapas: Uma contribuição aos estudos migratórios. –** Espaço Plural. 2009, p.41-51.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.) **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. 22. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

MOURA, Clóvis. **Racismo e luta de classes no Brasil** - textos escolhidos de Clóvis Moura. Editora Terra Sem Amos: Brasil, 2020.

HALBWACHS, Maurice. **Os Quadros Sociais da Memória**. Tradução de Antonio Fontoura. Curitiba, antoniofontoura, 2023. 290p

THOMPSON, E, P. **Costumes em Comum** – São Paulo: Companhia das Letras. 1998.